

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



Memórias
da Freguesia
de Santa Maria
de Marvão

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. II

Coordenação de
Jorge de Oliveira

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri

Título
**MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE
SANTA MARIA DE MARVÃO**
(Número especial 2026 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

Vol. II

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design Gráfico e Paginação
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Tratamento Gráfico da Capa
Raul Ladeira

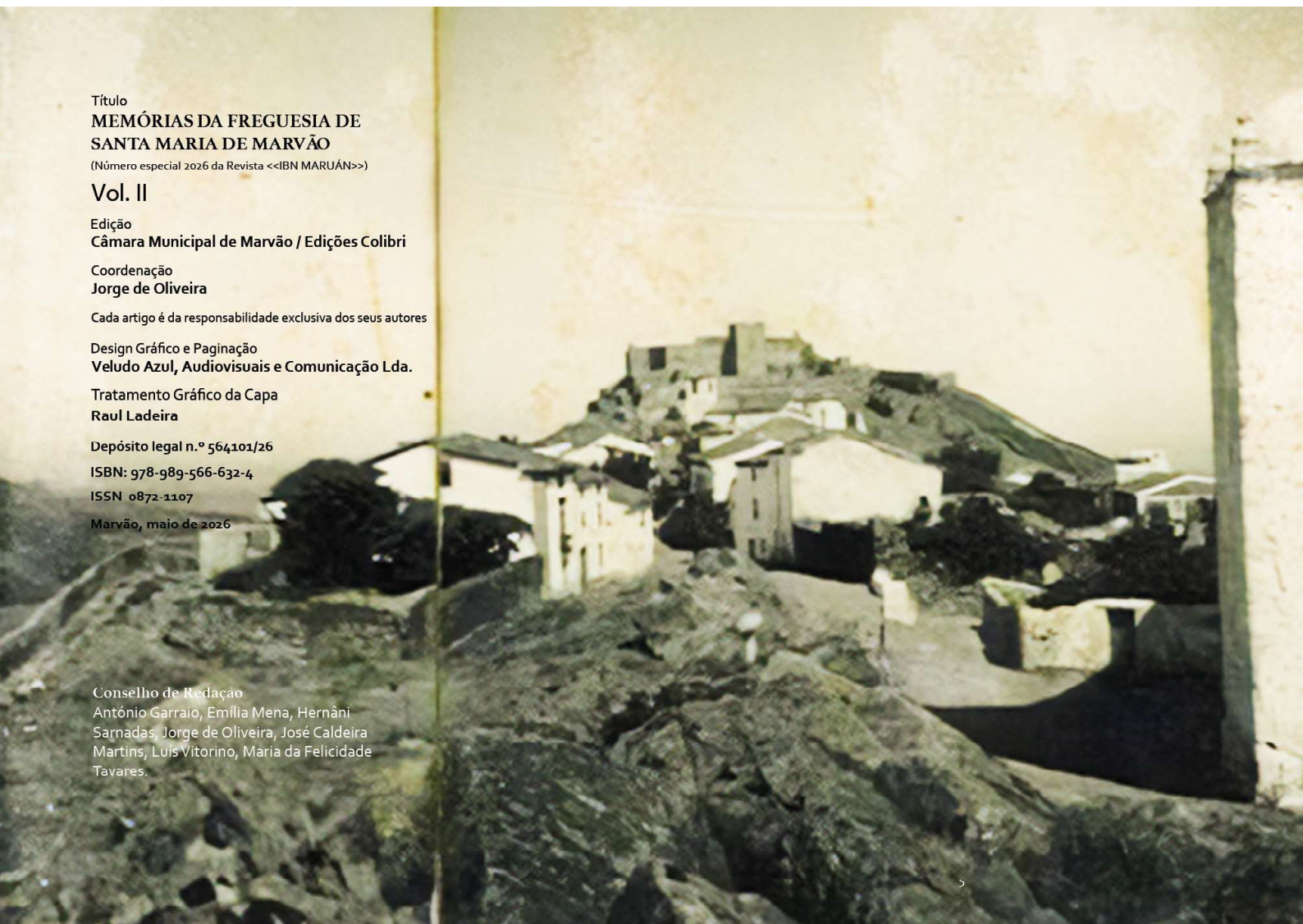
Depósito legal n.º 564101/26

ISBN: 978-989-566-632-4

ISSN 0872-1107

Marvão, maio de 2026

Conselho de Redação
António Garraio, Emília Mena, Hernâni
Sarnadas, Jorge de Oliveira, José Caldeira
Martins, Luís Vitorino, Maria da Felicidade
Tavares.



Bibliografia

- A Guarita (Publicação do Município de Marvão – 2005)
- Atas da Câmara Municipal de Marvão
- Boletim Municipal de Marvão
- Carta Educativa do Concelho de Marvão
- Plano Diretor Municipal de Marvão
- <https://www.basegov.pt/>
- <https://www.ine.pt/>
- <http://municipiodemarvao.blogspot.com>
- <http://vendoomundodebinoculosdoaltodemarvao.blogspot.com/>



PORQUE EM MARVÃO NEM TODAS AS PEDRAS FALAM

Quando em 1985 fui convidado pela Câmara Municipal de Marvão, à data presidida pelo Sr. António Andrade, para montar o Museu Municipal na Igreja de Santa Maria, em frente à porta lateral deste templo amontoavam-se múltiplos blocos de pedra. Maioritariamente trabalhadas, estas pedras tinham para aí sido carregados ao longo dos tempos, recolhidas em diferentes locais da vila por, provavelmente, serem consideradas de interesse patrimonial. Bem procurei saber a proveniência delas, mas informações precisas para todas nunca as alcancei.

Entre outras reconheciam-se dois capitéis e vários fustes fragmentados de colunas, assumidamente romanos, eventualmente provenientes da Ammaia, tal como a



S^{ta}. Maria de Marvão, em 1985.

maior parte dos que já decoravam a esplanada em frente da atual Câmara Municipal e que ainda hoje aí se mantém. Uma grande meia pia em granito, provavelmente retirada de alguma igreja, e reutilizada até 1947 na fonte com a forma de flor de lis, outrora situada em frente à Igreja do Espírito Santo e que já nessa altura era apoiada por um capitel romano, duas pias retangulares, também de granito, duas mós manuais (dormentes) e outros blocos de pedra afeixoados, depositavam-se junto à Igreja de Santa Maria.

A presença destas colunas e provavelmente dos capitéis romanos que nesta vila ocorrem talvez estejam relacionados com a recolha de pedras na Ammaia para serem transformados projéteis durante os conflitos bélicos, tal como alguma documentação

refere. Não havendo capacidade para recolher todas estas peças no interior do museu, optámos por promover a sua utilização, de forma decorativa e funcional em vários locais da vila.



Igreja de Santa Maria de Marvão

Os fustes de coluna foram inicialmente implantados ao longo do passeio em frente à porta lateral do Museu. Posteriormente tiveram de ser daí removidos, no decurso das obras de enterramento das cablagens elétricas e de comunicações ocorridas nos inícios do presente século e foram novamente implantados no limite nascente do jardim que se expande em frente à porta principal do museu. A meia pia granítica, tal como um dos capitéis e uma provável base, circular, perfurada no centro, foram utilizados na montagem da fonte junto ao adro da Igreja de Nossa Senhora da Estrela. Foi esta fonte emoldurada com as aduelas duma porta em arco de volta perfeita, encontrada nos finais dos anos oitenta do século XX, nos derrubes interiores do antigo edifício da Misericórdia de Marvão, quando este foi objeto de profunda remodelação. Junto às pedras do arco que se encontrava tombado e aterrado identificaram-se várias ossadas humanas. Outras peças de cantaria, incluindo uma pequena pia, foram reutilizadas na fonte que foi montada no jardim situado em frente à Igreja de Santiago.



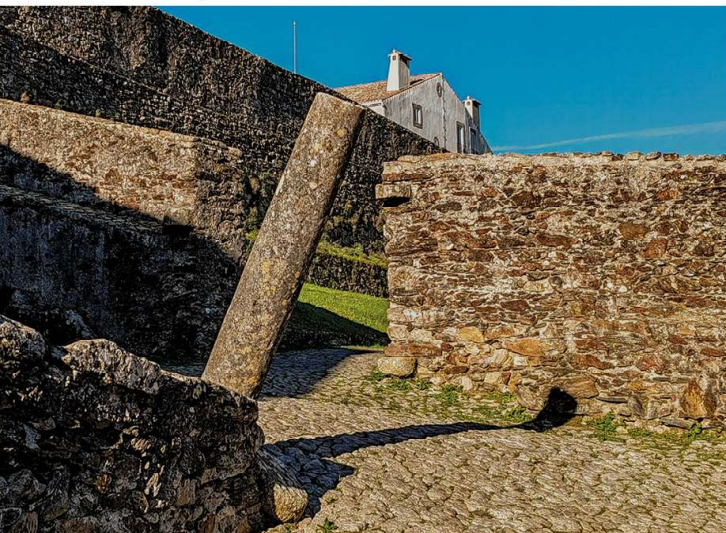
Fonte do adro da Srª. da Estrela obtida com peças graníticas reaproveitadas.



Igreja de Santiago.

Provavelmente a coluna inclinada e o capitel que junto jaz, claramente romanos, implantada no cotovelo da calçada, à entrada do Baluarte Porta da Vila em Marvão, terão entrado nesta povoação na mesma altura em que as outras peças romanas aqui

chegaram para serem transformadas em pelouros. Aparentemente esta coluna agora inclinada, quando aí foi montada estaria na posição vertical e coroada pelo respetivo capitel. Quando inclinou o capitel terá caído e hoje, parcialmente aterrado, encontra-se junto à coluna. Outras colunas semelhantes, ou fragmentos delas, maioritariamente de mármore encontram-se tombadas ou implantadas verticalmente em vários espaços do Castelo de Marvão. A reutilização destas colunas como elementos decorativos terá ocorrido nalguma das campanhas de recuperação da fortaleza promovidas pela antiga DGMN.



Coluna romana e capitel no chão no baluarte da Porta da Vila.

No jardim em frente à Igreja de Santa Maria, junto a uma sobreira e a uma palmeira, encontra-se um sarcófago de granito, de recorte interno antropomórfico, atribuível à Alta-Idade-Média. Contava-me o Sr. José Gomes Esteves, quando ainda Secretário da Câmara, que para ali teria sido recolhido por sua iniciativa, proveniente do Povoado do Monte Velho, na Freguesia da Beirã.

Na última casa da Rua do Castelo, reabilitada pelo Sr. Peixeiro, o criador do ponto das tapeçarias de Portalegre, na década de 50 do século XX, para além de ostentar



Sarcófago alto-medieval proveniente do Monte Velho.

a transcrição da inscrição cristã, que noutro capítulo trato, podem observar-se vários pelouros em granito que decoram a entrada lateral e o jardim. Foram estas bolas de pedra recolhidas no interior da vila de Marvão e nos arredores, onde ainda algumas decoram entradas de quintas.



Pelouros junto à casa do Sr. Peixeiro.



Pelouros no jardim da casa do Sr. Peixeiro.

Por baixo do adro da Igreja de Nossa Senhora da Estrela, na direção do cruzeiro que se eleva sobre os afloramentos graníticos, nos meados da década de oitenta do século XX, quando os funcionários da EDP abriam um buraco para implantar um poste de média tensão identificaram uma escada em granito com pelo menos quatro degraus, encostado a um muro que aparentava correr paralelo ao corpo da igreja. Por entre as terras removidas terão aparecido umas moedas “antigas” que nunca cheguei a ver. Devido à presença das escadas os funcionários da EDP optaram por desviar o poste alguns metros para norte e o buraco onde se observavam as escadas foi aterrado. Ainda tive oportunidade de fotografar as escadas cujas fotos aqui apresento. Provavelmente esta escadaria que teria cerca de um metro de largura e que se orientava paralelamente à parede da Igreja estaria relacionada com a devoção em torno da lapa onde a lenda conta ter aparecido a imagem da Senhora da Estrela. Numa gravura elaborada a partir de fotografia da autoria A.S. Magalhães, que aqui reproduzimos, vê-se um portado aproximadamente no mesmo local onde apareceu esta escada e parede. Provavelmente tudo estaria relacionado. Parte da lapa, com negativos de explosivos, ainda hoje se conserva. Terão esses afloramentos abrigado também gente nos finais do Neolítico atendendo a algumas cerâmicas muito roladas que ainda hoje aí ocorrem. Mais para sul, encostada à parede que suporta o adro da igreja e junto às ruínas da casa dos romeiros que aí se erguia identificaram-se no interior dum pequeno compartimento, quando a parede externa ruiu, muitas ossadas humanas. A maioria foi removida para o Cemitério da Freguesia, mas outras mantiveram-se no local. Pela forma desordenada destas ossadas aparenta tratar-se dum ossário relacionado com a Igreja de Nossa Senhora da Estrela.

Embora já anteriormente publicado convém trazer à memória que o imponente portado de granito pelo qual se acede hoje ao convento de N^{ra}. Sra. da Estrela, obra do séc. XVI, foi retirado dum edificio arruinado, que localmente se dizia ser a Capela de S. João e que se situava na Rua do Relógio, adossada aos antigos Paços do Concelho. Este portado, foi retirado e montado onde hoje se encontra por volta de 1945, no decurso das obras de beneficiação do convento, promovidas pelo então Provedor da Misericórdia, Manuel Vivas. Segundo hipótese levantada por Ruy Ventura este portado aparenta mais ser um arco de capela-mor do que de entrada de igreja. Atendendo ao estilo e material poderia, juntamente com o portado do edificio que se implanta no largo da casa do brasão, terem pertencido, originalmente, à desaparecida ermida de S. Domingos que, segundo a documentação cartográfica, se situava a escassas dezenas de metros da muralha na encosta nordeste de Marvão.

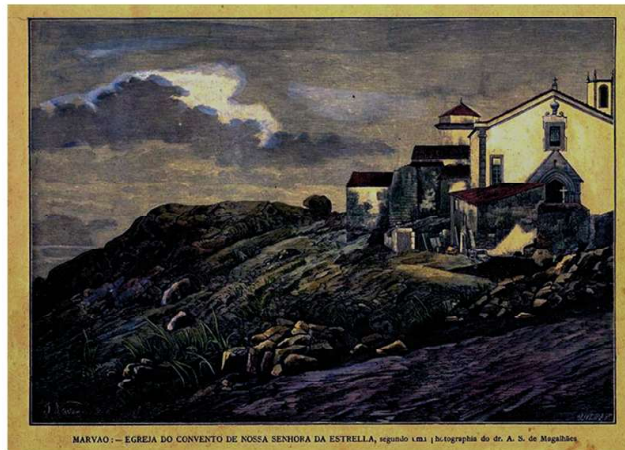
Pela mesma altura foi montado na Abegoa, na casa da Família Mota, um portado ogival em granito retirado duma casa já muito arruinada, também propriedade desta família e que se situava no interior da vila de Marvão, nas imediações do Largo do Pelourinho.



Escada junto ao convento de N^{ra}. S^{ra}. da Estrela.



Escadas junto ao convento de N^{ra}. S^{ra}. Estrela



MARVÃO: — EGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA ESTRELLA, segundo uma photographia do dr. A. S. de Magalhães.

Gravura representando parte do Convento de N^{ra}. S^{ra}. da Estrela.



Ossário junto ao adro de N^{ra} Sr^a. da Estrela.

Em meados da década de oitenta do séc. XX, a parede de sustentação do extremo norte do Largo do Pelourinho teve de ser desmontada por apresentar sinais de desmoronamento. Ficou, então, à vista um corte estratigráfico com 5 metros de altura, cuja fotografia aqui mostramos. Embora esta obra não tivesse acompanhamento arqueológico porque à data tal não era exigido, pudemos observar, tal como a foto mostra, os múltiplos níveis de enchimento, na base dos quais, assente sobre a rocha, se regista o arranque dum muro. Na base do enchimento, sobre a rocha, por entre terra clara, recolhemos alguns fragmentos de cerâmica atribuível ao século XVI. Poderá depreender-se, assim, que, pelo menos o extremo norte do Largo de Pelourinho, não será anterior à data da cerâmica aí recolhida. Pela inclinação dos estratos do aterro percebe-se que esta parte do largo foi ampliado, lentamente, durante o século XVI. Ilustra-se também neste artigo, a estratigrafia do Largo do Terreiro, durante a construção dos alicerces do atual Hotel D. Manuel.



Estratigrafia do Largo do Pelourinho de Marvão.



Estratigrafia do Largo do Terreiro onde se veio a construir o Hotel D. Manuel.